Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano IV nº 74
23/4/99 a 6/5/99
Contribuição R$ 1,50

MARACUTAIA

Escândalo financeiro abre nova crise política. BC deu 1 bilhão e meio de reais para salvar bancos da falência. E FHC só vai dar 7 reais de aumento para o salário mínimo. Págs. 6 e 7

Encontro do Movimento Fora FHC e o FMI reuniu 800 pessoas em São Paulo no último dia 17. Agora, toda força no Dia Nacional de Paralisação, 30 de abril e nos atos de 1º de maio. Págs. 3 e 5

OPOSIÇÃO ENTRA NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC

Chapa alternativa ganhou na Scania e chegou a 42% dos votos na Volks. Pág 9

FORA OTAN DA IUGOSLÁVIA!

Bombardeios criminosos comandados pelos Estados Unidos prosseguem na Iugoslávia, e agora estão matando Sérvios e Kosovares. **Fora OTAN! Pelo direito de auto-determinação do Kosovo.** Págs. 10 e 11

ESPAÇO ABERTO

Leilão da Telebrás. Como se sabe. (ou melhor, como pouca gente sabe, visto que a imprensa de um modo geral não deu o devido destaque), a Telefônica, a Iberdrola e a Portugal Telecom "economizaram" aproximadamente US$ 2 bilhões ao anteciparem, em janeiro último, o pagamento das parcelas restantes da privatização do Sistema Telebrás.

O ganho ocorreu em função da desvalorização do Real perante o dólar: para um passivo em reais, e fonte de recursos em moeda forte (dólar), cada desvalorização da moeda nacional reduz sensivelmente o dispêndio em moeda estrangeira. A ponderação é a seguinte: quando da realização do leilão, em meados de 1998, todo o "mercado" – inclua-se aí os agentes privados e públicos – já sabia que, além de o Real estar sobrevalorizado, no mínimo 25% a 30% em relação ao dólar, o regime cambial ora vigente estava na iminência de esgotar-se por definitivo – o que acabou por acontecer em janeiro de 1999 (ou seja, mais ou menos seis meses após o leilão).

Por que, então o BNDES (o governo brasileiro) ciente de que grande parte dos potenciais compradores eram empresas estrangeiras, e que portanto, iam saldar seus compromissos em moeda forte (dólar) não inseriu uma cláusula de proteção contra a desvalorização do real, no contrato de venda, assim como fez com parte da nossa dívida pública federal???

Ou ainda, na hipóteses de empresa estrangeira, por que não fazer o contrato e as notas promissórias em moeda forte???

Se assim fosse feito, evitaríamos este prejuízo colossal ao erário público.

Neste contexto, sucintamente acima descrito, embora o BNDES possa alegar que do ponto de vista jurídico, o leilão Telebrás obedeceu a todos procedimentos legais, vale questionar e apurar a responsabilidade política, social, criminal, civil etc etc, dos gestores desta privatização. Afinal de contas, como tudo leva a crer, houve a intenção, houve o dolo de favorecimento financeiro à grandes corporações internacionais – tendo em vista, volto a repetir, que a desvalorização do real era líquida e certa.

Hilario Muylaert Lima,
Rio de Janeiro

PSTU em Garanhuns. Na segunda semana de março, realizamos em Garanhuns, cidade localizada no agreste meridional de Pernambuco, uma reunião bastante representativa com a participação dos companheiros Joaquim Magalhães, Marcelo e Devilson, ambos do PSTU e companheiros da cidade de São João, onde discutimos assuntos relativos ao partido (sua origem, seu programa, conjuntura nacional e internacional) e as perspectivas de fundarmos o PSTU em Garanhuns e em São João.

Desde que mantenha a sua identidade, a expansão do partido é de fundamental importância para os trabalhadores brasileiros, exatamente num momento em que a influência desastrosa da social-democracia nos sindicatos, na CUT, nas ONGs e no PT só faz arrefecer a disposição de luta dos explorados.

Paulo Camelo de Holanda Cavalcanti,
Garanhuns (PE)

Escreva para o Opinião Socialista

Cartas: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - CEP 04040-030
São Paulo - SP
Fax: (011) 575-6093 **E-mail:** pstu@uol.com.br

O QUE SE VIU

Luis Carlos Murauskas

Luis Marinho, de camisa branca, de mãos dadas com o vice da Volks, Fernando Perez, durante reunião no último dia 16 entre sindicalistas (São Bernardo, Taubaté e da Volks Argentina) com representantes da empresa.

O QUE SE DISSE

"Essa obsessão de parar de trabalhar a uma certa idade faz é criar problemas na Previdência."

Trecho de discurso de FHC em Brasília, no último dia 7/4, em solenidade comemorativa ao Ano Internacional do Idoso.

"Não espero que o presidente da Fiesp suba num palanque comigo, mas muita coisa que ele fala, nós falamos também. Queremos uma política industrial e aumento da oferta de emprego, e eles também. Temos que agregar esses setores."

Lula, comentando que o momento é propício para alianças com empresários, setores do PMDB e PSDB, e, pelo visto, com o programa deles também. No *Jornal do Brasil*, em 15/7/99.

"O aumento do salário mínimo tem mais influência negativa sobre a economia e uma possível elevação nos níveis de desemprego do que positiva como benefício de uma pequena parcela da população economicamente ativa."

Francisco Dornelles, ministro do Trabalho. Engraçado, nunca ouvimos falar dos "efeitos negativos na economia" para explicar os rombos no BC. No jornal *O Globo*, em 15/4/99.

"Foi um estranho acidente. De repente, o trem se aproximou. Esta é uma das coisas das quais nos arrependemos em uma campanha como essa."

Wesley Clark, comandante supremo da OTAN explicando o ataque que destruiu um trem e matou nove pessoas em Belgrado. No jornal *Folha de S.Paulo*, em 14/4/99.

"Creio ter encontrado a saída para o problema da exclusão social no Brasil. Os excluídos devem declarar-se extintos como pessoas físicas e reorganizar-se como bancos. Não haveria mais os sem-terra, os sem-teto, os sem-emprego, os sem-isso, os sem-aquilo. Só bancos. E cairíamos todos nas graças do 'Partido de Salvação dos Bancos´ (PSDB)."

Trecho de artigo de Josias de Souza, sobre o escândalo BC-Marka. No jornal *Folha de S.Paulo*, em 12/4/99.

"Eles nos garantiram que só estavam resolvendo o problema dos bancos, e não dos fundos. Depois é que verificamos que isso não era verdade, pois socorreram o fundo do FonteCindam."

Massao Matsuda, vice-presidente da Nikko Securites International Corp, fundo que estava associado com o banco Marka no fundo Marka-Nikko. Na revista *Veja*, em 14/4/99.

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64
Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo-SP
CEP 04040-030.
Impressão: Artpress

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Júnia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary e Carlos Bauer

EDIÇÃO
Fernando Silva

REDAÇÃO
Mariucha Fontana, Celso Lavorato, Marcelo Barba, Wilson H. da Silva, Estela Dominguez

DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Lipo, Frederico Rodrigues

E D I T O R I A L

Dois desafios para a esquerda

Amparado na grana do FMI e na entrada maciça de capitais especulativos, FHC experimentou, desde o início de abril, o sabor de uma conjuntura diferente da tormenta pós-explosão do real. A partir daí, ele operou uma tremenda campanha de propaganda sobre a população, buscando demonstrar que o "pior já passou". E como se quisesse demonstrar que cinismo não tem limites, neste mesmo mês, o governo anunciou novos aumentos nos combustíveis e nas tarifas.

Porém, as coisas estão novamente se precipitando. Quando fechávamos esta edição, já era evidente que o governo estava perdendo o controle sobre as denúncias envolvendo as promíscuas relações entre o BC e o sistema financeiro, durante a desvalorização do real. O centro da tormenta desloca-se para uma gravíssima crise política.

E não há propaganda que resista a dados como: R$ 1,5 bilhão para salvar bancos quebrados na crise cambial e R$ 7 de aumento no salário mínimo.

Portanto, os ataques que prosseguem sobre os trabalhadores, as divisões burguesas e institucionais (como não ver o dedo de setores do Judiciário na expedição punitiva na casa de Francisco Lopes?) e a crise política em curso, mantêm bem abertas as brechas por onde os trabalhadores podem intervir com mais força do que têm feito até agora.

Não são, portanto, menores os desafios que estão colocados para a esquerda socialista organizada em torno do **Movimento Fora FHC e o FMI**. O primeiro será o de estar na linha de frente no dia 30 de abril, dia nacional de paralisação com manifestações, lutando também para que os atos de 1º de maio tenham como bandeira central o Fora FHC e o FMI.

O segundo desafio será o de lutar para que a plenária do Fórum Nacional de Lutas, no dia 10 de maio, dê continuidade à mobilização com um novo calendário que tenha como estratégia a realização de uma greve geral contra FHC, o FMI e pelas reivindicações dos trabalhadores.

A N Á L I S E

Bombas de tempo

Efetivamente, o governo conseguiu respirar com os US$ 4,2 bilhões do empréstimo do FMI e a volta da entrada de capital. Não estamos no mesmo momento da turbulência econômica de janeiro-fevereiro (embora já estejamos às portas de uma brutal crise política).

Os mecanismos utilizados para esta recuperação são verdadeiras bombas de tempo: juros nas alturas para atrair capital especulativo (e de fato atraiu tanto, que o governo vem reduzindo um pouco os juros, para evitar uma queda brusca no dólar que prejudique a meta — irreal — de chegar a um superavit de US$ 11 bi na balança comercial); maior endividamento interno (a dívida já chegou aos R$ 500 bi) e externo; e entrada de capital especulativo e em geral de curto prazo (por exemplo, o "investidor" compra títulos no exterior com taxas de 10% e vem para cá para obter remuneração de 20% em um ou dois meses).

Esta crise, portanto, é profunda e estrutural. Não se consegue recuperação de longo prazo apoiado em massas de capitais especulativos, até porque, pode bastar uma crise política grave (como a que ameaça instalar-se com a CPI dos Bancos) ou uma ação decidida dos trabalhadores (demanda salarial, manifestações contra o governo) para este novo "fluxo" começar a bater em retirada.

De outro lado, as consequências destes "ajustes" são tão perversas, que não há truque de marketing que faça o governo voltar a ter maciço apoio popular.

O P I N I Ã O

Capitão do mato

Wilson H. da Silva,
da redação

Uma das expressões mais asquerosas do racismo brasileiro é aquela que diz que "negro quando não c... na entrada, c... na saída". Revoltante em qualquer contexto que surja, é exatamente esta frase que está sendo ouvida cada vez com mais insistência nas ruas de São Paulo. A razão disto atende pelo nome de Celso Pitta, mergulhado até o último fio de cabelo no mar de lama da prefeitura. Que ele é um péssimo prefeito e que deveria ser afastado do seu cargo o mais rápido possível, não há nenhuma dúvida. Mas ser conivente com a frase acima é inadmissível.

Inadmissível porque é uma expressão do sempre presente racismo em nossa sociedade. Mas é inegável que há uma contradição, alimentada lamentavelmente por setores da comunidade negra que, na época das eleições, caíram na armadilha da burguesia paulista e compraram a máxima "negro vota em negro" (independente de sua classe e ideologia). Até mesmo negros e negras vinculados ao PT destacaram a importância de ter um negro na prefeitura.

No entanto, o prefeito de São Paulo não tem nada a ver com a nossa história. Pitta sempre se comportou como um capitão do mato: um serviçal de senhores como Maluf e FHC. Pitta não tem nada de negro. Negritude não é só uma questão de pigmentação da pele. É uma atitude política, social e cultural. Para Pitta, então, só resta desejar que lhe seja dado o mesmo destino que Zumbi deu aos capitães do mato: a punição exemplar, sem dó nem piedade.

Renato Benvenutti

R Á P I D A S

◆ Os **metalúrgicos da GM** de São José dos Campos realizaram greve de 48 horas entre os dias 19 e 20 de abril. A greve teve motivação salarial. Sem reajuste desde 1997, os trabalhadores reivindicam reposição salarial (2,98% de 1998 e resíduo de 1,82% de 1997), gatilho salarial toda vez que a inflação chegar a 5%, discussão do PLR de 1999, pagamento de abono de R$ 251, manutenção de cláusulas sociais e comissão de fábrica.

◆ Setores do **Judiciário** que não engoliram a CPI do ACM estão na prática, ainda que sem declarar, em **guerra com o governo**. Não se trata apenas, do mandato facilmente obtido para que o Ministério Público fizesse uma devassa na casa de Chico Lopes. Existem ações movidas por procuradores da República da área cível contra o chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho (por improbidade administrativa), contra todos os diretores do BB (caso Encol), pedidos de quebra de sigilo da Bolsa de Mercadorias & Futuros, entre outras.

◆ Há um **tarifaço** em andamento que a propaganda oficial tenta esconder. A gasolina já subiu este ano 24% no total, após o novo aumento de 11% dos derivados do petróleo no último dia 14. A energia elétrica em São Paulo ficou 11,23% mais cara a partir do dia 8.

◆ Os **sindicatos dos eletricitários** que representam os trabalhadores do setor de **Furnas** ameaçam greve por tempo indeterminado contra a privatização da Estatal Furnas Centrais Elétricas, responsável pelo fornecimento de 60% da energia elétrica do país. Os funcionários de Furnas do Rio realizaram paralisação de protesto no último dia 16 e estão na justiça para impedir a assembléia de acionistas do próximo dia 29 que vai definir a data da privatização.

◆ Cerca de **20 mil pessoas** participaram do ato em **Ouro Preto**, no último dia 21. A manifestação teve um caráter de um ato político contra o governo FHC. Estiveram presentes trabalhadores, estudantes, partidos de oposição (PT, PSTU, PCdoB entre outros), representação de sindicatos, líderes do movimento sem-terra (que foi condecorado pelo governador de Minas Gerais Itamar Franco), além de Lula, Brizola e o governador do Rio Grande do Sul Olívio Dutra.

Bastaram 100 dias de governo para Garotinho jogar promessas no lixo

Governador do Rio fez opção por FHC

Luciana Araujo,
do Rio de Janeiro

O governador Anthony Garotinho, eleito pela Frente Muda Rio (PT, PDT, PCB, PSB e PCdoB), completou, no último dia 10 de abril, cem dias de mandato. E o quadro não é animador.

Desde a composição da equipe aos apoios articulados, esse governo vem pecando pela "flexibilidade" em alianças com setores historicamente inimigos dos trabalhadores no Estado do Rio de Janeiro. Já na campanha eleitoral fechou um acordão com Sérgio Cabral Filho (então no PSDB e hoje no PMDB) para garantir a reeleição do deputado como presidente da Assembléia Legislativa do Estado (Alerj). Sérgio Cabral foi o principal articulador do Programa Estadual de Desestatização (PED), entregando o Metrô, o Banerj, a Cerj, a Conerj entre outras empresas. Ainda na Alerj, Garotinho entregou a presidência da Comissão do Orçamento ao deputado Paulo Mello (líder do PSDB na Assembléia), jogando por terra qualquer possibilidade de investigação séria sobre as contas do ex-governador Marcello Alencar.

O Estado do Rio acumula hoje um déficit mensal da ordem de R$ 200 milhões. Além disso, deve mais de R$ 2 bilhões à União. Dívidas essas acumuladas pela política sanguessuga do ex-governador Marcello Alencar que, para mascarar suas contas fraudadas, colocou toda a máfia dos Alencar (Marco Antônio no Tribunal de Contas do Estado e Marco Aurélio na Secretaria de Administração) no governo. Mesmo assim, Garotinho fez uma opção clara: *"pagar as dívidas do Estado a qualquer custo"*, palavras do governador.

Ed Ferreira

Garotinho com Malan: boas relações com governo FHC

E quem vem pagando a conta desta opção são os servidores públicos, os aposentados e a população fluminense. Garotinho já antecipou a Lei de Responsabilidade Fiscal – anunciada por FHC – que se resume ao corte de verbas para as áreas sociais e demissões de trabalhadores. Só na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foram cancelados os contratos de mais de mil funcionários e cortados R$ 57 milhões do orçamento para 1999.

Além disso, o governador criou o Rio Previdência, para *"sanear as contas do Estado no setor"*. Sem nenhuma satisfação ou debate com o funcionalismo estadual, Garotinho tirou dinheiro da caixa de previdência dos funcionários do Banerj para abrir um fundo que não tem nenhuma garantia de estabilidade e que sabe-se lá aonde irá parar.

Mas não pára por aí. Depois de muita luta, os servidores dos hospitais estaduais conseguiram impedir a privatização dos mesmos. Garotinho, que durante a campanha eleitoral garantiu reestatizar as unidades, demorou dois meses para tomar a iniciativa, mas o fez. O problema é que, agora, Garotinho quer repassar a administração dos hospitais para os municípios, ou seja devolver o ouro ao bandido.

A política das prefeituras fluminenses para as unidades hospitalares é a mesma do governo federal. Assim como fizeram as prefeituras do Rio de Janeiro (PFL) e Niterói (administrada pelo PDT de Jorge Roberto Silveira), elas vão repassar a administração e o atendimento a grupos privados, mascarados de cooperativas médicas, mas que, na verdade, vêm cortando direitos dos trabalhadores e operando com a lógica do lucro em primeiro lugar.

Promessas esquecidas em 100 dias

Uma das principais promessas de Garotinho foi a realização de uma auditoria em todas as empresas privatizadas pelo governo Marcello Alencar (Banerj, Conerj, Fumitrens, Cerj, Metrô, entre outras) para apurar as maracutaias nas negociações e, se possível, reestatizar as empresas. Mas, depois da aliança com Sérgio Cabral – que dirigiu o PED nos quatro anos de governo Marcello – essa promessa ficou no esquecimento. A reestatização então, nem se fala. Nem mesmo os membros da Comissão de Auditoria que seria criada para este fim na Alerj foram nomeados.

Agora, o governo do Estado, que prometeu debater os planos de carreiras dos servidores, já anunciou que vai remanejar os 5 mil trabalhadores das empresas privatizadas – que continuam sendo pagos pelo Estado – para outras funções ou simplesmente vai colocá-los em disponibilidade.

Outra promessa que começa a ir para o espaço é a de não privatizar a Companhia de Saneamento (Cedae). O governador estipulou recentemente o prazo de um ano para que a companhia apresente resultados "convincentes", caso contrário adotará "medidas duras". De outro lado, o secretário do Planejamento, Jorge Bittar, do PT, já anunciou a venda de 49% das ações de capital votante da empresa. E para completar. os investimentos do governo na companhia são irrisórios. A política em relação a Cedae é clara: esvaziar para privatizar. (L.A.)

NOSSA OPINIÃO

Rio precisa da moratória

As dívidas do estado do Rio, assim como as do país, são impagáveis. O correto seria decretar a moratória das dívidas do estado e conclamar a população trabalhadora a se organizar para determinar as prioridades do governo, fortalecer os serviços públicos (escolas, hospitais, saneamento básico etc) sem apelar ao velho recurso do sacrifício do funcionalismo e dos aposentados. Esta é a posição do PSTU do Rio de Janeiro.

Romper com FHC

Isto significaria, entre outras coisas, que Garotinho deveria romper já com a política de pacto com FHC e recuar da decisão de cortar 30% dos gastos com servidores no Estado – orientada por ninguém menos que Cláudia Costin, responsável pela aplicação da Reforma Administrativa na União.

A política de costurar alianças com FHC é desastrosa em todos os sentidos. Essa opção só serve para aprofundar os ataques aos trabalhadores e à juventude fluminense. De quebra, legitima na prática o ajuste fiscal exigido pelo FMI, que está cobrando caro dos estados. Começa a ficar evidente para a população do Rio, que Garotinho não faz um governo de oposição a Fernando Henrique e ao projeto neoliberal.

Nenhuma confiança

O PSTU, como partido de oposição intransigente a FHC, alerta que o rumo adotado pelo governo Garotinho não vai trazer nenhuma mudança. Nós conclamamos a população trabalhadora do Rio a não nutrir nenhuma confiança neste governo.

De outro lado, alertamos aos partidos de esquerda que participam do governo Garotinho — em especial o PT — que a permanência destes nas secretarias e demais órgãos da administração estadual, será um aval à política do governo, pela qual também serão responsabilizados.

Nota:

Estes artigos foram redigidos apoiados no balanço público do PSTU do Rio de Janeiro, produzido pelo jornalista e militante do PSTU Henrique Acker.

Fora FHC e o FMI *reuniu mais de 800 pessoas em São Paulo*

Encontro dá corpo nacional à campanha...

Celso Lavorato,
da redação

Com a presença de mais de 800 dirigentes, militantes e ativistas das diversas frentes dos movimentos sociais, correntes e partidos da esquerda socialista, realizou-se no último dia 17 de abril, na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo, o primeiro Encontro Nacional do *Movimento Fora FHC e o FMI*. Compareceram ao encontro delegações representando diversos estados, regiões e setores dos movimentos sindical, popular e estudantil, além do MST e as Pastorais Sociais.

Da mesa, participaram como palestrantes Lauro Campos (senador PT/DF), Geraldo Cândido (senador PT/RJ), Renato Simões (deputado estadual PT/SP), José Maria (executiva nacional **PSTU**), Ivan Valente (ex-deputado federal PT/SP), Luciano Zica (ex-deputado estadual PT/SP), Delwek (coordenação nacional do MST), Wagner Rossi (Pastorais Sociais), Luis Eduardo Greenhalgh (Movimento Resistência) e Bernadete Meneses (Corrente Socialista dos Trabalhadores).

As intervenções foram no sentido de, em primeiro lugar, saudar a iniciativa do Encontro e da necessidade de construirmos o *Movimento Fora FHC e o FMI*. Em geral, abordaram, sob vários pontos de vista, a denúncia do caráter predatório do governo FHC tendo como centro a questão das dívidas externa e interna. Reafirmaram, por diversas vezes, a necessidade de unificarmos nossas forças para podermos impulsionar um grande movimento de massas que tenha como objetivos centrais o fim deste governo, a ruptura com o FMI e a construção de uma alternativa dos trabalhadores, uma alternativa socialista.

Em meio aos discursos, o plenário do Encontro pulsava com gritos de guerra, aplausos e agitação de bandeiras. Por diversas vezes as delegações de operários da Volks e Scania, representando as chapas de oposição, foram ovacionadas em comemoração ao desempenho que obtiveram nas eleições para diretores de base do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

A delegação dos sem-terra deu um exemplo de disciplina e organização. Foram eles a primeira delegação a ocupar parte do plenário no início dos trabalhos, e também foram eles que organizaram a linha de frente da passeata que, após o Encontro, caminhou até a praça da Sé onde foi realizado um ato político-ecumênico em memória dos 19 sem-terra assassinados em Eldorado dos Carajás.

A unidade do plenário do encontro ia além das correntes e partidos, era a unidade do trabalhador rural com o operário, do trabalhador urbano com a juventude, Era visível a expressão de gerações diferentes de militantes e ativistas, e ao mesmo tempo a sua integração.

Fotos: Renato Benvenutti

De cima para baixo: plenário do Encontro, presença dos metalúrgicos da Volks e da Scania e delegação dos sem-terra

... E coloca novos desafios

As resoluções aprovadas vão no sentido de reproduzirmos encontros estaduais e regionais com o objetivo de avaliar o movimento nos diversos estados. Ao mesmo tempo, debater e construir propostas de continuidade para serem apresentadas à plenária nacional do Fórum de Lutas que será realizada em São Paulo no dia 10 de maio.

Portanto, além da participação e convocação do 30 de abril e da luta para transformar os atos de 1º de maio em manifestações pelo Fora FHC e o FMI, a construção dos encontros estaduais do *Movimento* é o principal desafio que está diante de todos os militantes e ativistas que se identificam com esta campanha. A unidade da esquerda socialista e dos movimentos sociais deve se tornar realidade em cada estado, município, local de trabalho e moradia.

Este *Movimento* poderá ser o centro organizador de milhares de militantes e ativistas em todo o país e criar uma alternativa classista e socialista diante da crise que vivemos.

MARACUTAIA

Um escândalo do tamanho da crise

Fernando Silva,
da redação

Quando embarcou para mais um giro na Europa atrás de credibilidade, um dia depois de ter feito um otimista pronunciamento em rádio e televisão, o presidente parecia mesmo acreditar que as coisas por aqui estavam em ordem. Esse novo surto de arrogância de FHC, sequer levava em conta que já estava em andamento uma CPI dos Bancos, que já havia a denúncia de um obscuro esquema no BC de favorecimento a bancos durante a crise cambial. Pois estes dois fatores e mais uma certa disposição de setores do Judiciário em devolver as retaliações iniciadas pelo governo, estão detonando uma nova crise política de desfecho imprevisível.

O centro da tormenta atinge um dos pilares do governo e do seu *modus operandi*: o Banco Central e as suas promíscuas relações com o sistema financeiro.

Não são poucos os focos da maracutaia. Aquele que está em evidência, por enquanto, é o esquema de favorecimento do BC aos bancos Marka e FonteCindam, cujo principal operador da trama foi, ao que tudo indica, o na época presidente do BC, Francisco Lopes.

Em janeiro, logo após a explosão do Real, o BC vendeu dólares abaixo do preço do mercado para estes dois bancos (por R$ 1,27 quando já estava cotado a R$ 1,32), pois os mesmos não tinham caixa para saldar seus compromissos em dólares. Ou seja, quebrariam. Com a atuação do BC, o Marka chegou até a apresentar lucro de R$ 18 milhões em fevereiro.

Depois vieram as denúncias — publicadas por revistas como *Veja* e *Época*— de uma rede na alta cúpula do BC que a peso de ouro (R$ 500 mil por mês) fornecia informações privilegiadas para os bancos (no caso destas denúncias, o Marka, o Boa Vista e o FonteCindam). Depois vieram as suspeitas de que Francisco Lopes seria o "condutor do ônibus" (na linguagem cifrada dos banqueiros), que através da sua empresa de consultoria, a Macrométrica, que tem contrato com os bancos em questão, é que chegavam as tais informações. Depois, houve a devassa do Ministério Público na casa de Lopes, a descoberta de documentos comprometedores, entre eles um que indica que o ex-presidente do BC tem fora do país US$ 1,67 milhão. E quando do fechamento desta edição, não estava claro qual seria o próximo *depois*.

O circo está armado. Mas até aqui, estamos falando dos "perdedores". Existem os ganhadores, os que saíram por cima durante a desvalorização do Real porque conseguiram obter as informações privilegiadas do esquema BC, a tempo de se prepararem para a crise cambial. A lista desses bancos em poder do deputado petista Aloísio Mercadante inclui o Morgan Stanley, ING Barings, Bank Boston, Citibank, BBM, Beal, Garantia, Pactual e Matrix.

Estes "videntes" teriam "adivinhado" que a mudança cambial estava a caminho e compraram dólares a R$ 1,22 na véspera da desvalorização. Dois dias depois, o dólar já estava a R$ 1,43.

Seguramente leitor, este relato deverá estar envelhecido quando você receber esta edição do **Opinião Socialista**, tamanha a velocidade de novos fatos desta crise que, segundo o relator da CPI dos bancos João Alberto (PMDB/MA), "*pode abalar os pilares da nação*".

Ana Araujo

Francisco Lopes, ex-presidente do BC

FHC e Malan sabiam?

No depoimento a Polícia Federal, Francisco Lopes disse que o diretor de fiscalização do BC, Cláudio Mauch, coordenou as operações de salvamento dos bancos Marka e FonteCindam. O ex-presidente do BC disse ainda que pouquíssimas pessoas foram informadas da mudança do câmbio dentro do BC. Afirmou que a decisão de mudar o câmbio foi tomada na noite do dia 11, em reunião com FHC, Pedro Malan, Clóvis Carvalho e claro, ele, Francisco Lopes. O interessante é que, ainda segundo Lopes, o ministro Malan sabia que o prejuízo do BC no mercado futuro com a desvalorização não seria brincadeira (foi de R$ 7,5 bilhões).

Uma das questões chaves desta crise será saber se Malan e FHC sabiam do prejuízo de R$ 1,5 bi que a operação de salvamento ao Marka e FonteCindam daria. Com toda boa vontade que se possa ter com FHC e Malan, é difícil imaginar que só de Chico Lopes para baixo a coisa estava sendo operada.

Até porque, o atual presidente do BC Armínio Fraga foi à CPI dos Bancos, no último dia 16, defender abertamente que a operação Marka/FonteCindam era legal, o que nos dá o direito de supor que o presidente deveria estar a par desta "legalidade". (F.S.)

Histórias mal contadas

Por que afinal Francisco Lopes caiu?

A versão oficial (mantida por FHC) era de que, com o descontrole do mercado, era necessário um operador de mesa, que Lopes detestava dirigir diretamente as intervenções do BC no mercado. Mas esta versão já foi para o espaço. Em conversa reservada com senadores no dia 24 de março, o ministro da Fazenda Pedro Malan disse que só contaria "dez anos depois da minha morte", a verdadeira história da demissão de Francisco Lopes.

Por que o BC ajudou os bancos quebrados?

O discurso oficial era que no meio da crise cambial, o BC não podia deixar ocorrer uma quebradeira de bancos. Mas Armínio Fraga contou outra história na CPI dos bancos. Disse que o BC vendeu dólares abaixo do preço ao Marka e o FundoCindam para segurar a banda cambial. Um probleminha: a ajuda foi efetivada na noite de 14 de janeiro, mas na tarde daquele dia, o governo já havia decidido abrir mão da banda cambial e não gastar mais dinheiro para segurar a moeda.

Quais são as relações de Lopes com a Macrométrica?

O ex-presidente do BC jura que desde 1995 não tem nada a ver com a empresa de consultoria Macrométrica, que fundou com Sérgio Bragança (um dos suspeitos de ser o intermediário entre BC e bancos). Mas documentos apreendidos pelo Ministério Público na sua casa apontam na direção oposta. Lopes continuaria a dirigir mesmo que de "fora" a empresa. Aliás, sua mulher e seu enteado são sócios e dirigentes da Macrométrica.

Rota da maracutaia

Este novo escândalo está novamente trazendo à tona uma das formas mais picaretas que bancos e corretoras utilizam para ganhar dinheiro fácil: a remessa de dinheiro para fora do país, principalmente em paraísos fiscais, e seu retorno como "investimentos estrangeiros" pagando impostos baixíssimos.

Geralmente (mas não só) é o dinheiro de grandes maracutaias que sai do país para ser "legalizado" nesses paraísos, como fez o Marka que enviou R$ 17 milhões para fora do Brasil em janeiro, para tentar esconder suas operações ilegais. Além de escaparem de impostos e investigações, este dinheiro é legalizado na forma de abertura de empresas nestes paraísos. Aliás, os Estados Unidos aceitam tranquilamente que o dinheiro "legalizado" no Caribe possa operar no país como investimento normal, sem qualquer incomodo.

No Brasil não é diferente, pois este dinheiro lavado pode voltar para cá na forma de "investimento" e com forte remuneração apoiada em altas taxas de juros. Portanto, ganha-se duas vezes: quando sai do país e escapa de impostos e quando volta para ser aplicado no mercado financeiro. Uma ciranda sem limites. **(F.S.)**

Um histórico de falcatruas

Em pouco mais de quatro anos de governo FHC, alguns dos seus principais escândalos estiveram relacionados com favorecimentos explícito aos banqueiros.

Em março de 1995, Persio Arida, então presidente do BC, forneceu informações ao seu sócio no BBA, Edmar Bacha, de que haveria mudanças no câmbio. Arida caiu, mas como se vê, a picaretagem não acabou. Aliás, em geral, o que tem acontecido quando estoura um escândalo desses é o banqueiro deixar de dirigir o Banco Central e voltar ao seu banco particular.

Outro escândalo permanente no governo FHC foi o Proer, que se não conseguiu salvar da falência meia dúzia de banqueiros, foi o suficiente para assumir as "partes podres" dos bamerindus, econômicos e nacionais da vida para que estes fossem absorvidos pelos seus novos donos, em geral, bancos estrangeiros. Ou seja, o governo torrou mais de R$ 20 bilhões para, na prática, comprar bancos quebrados e repassá-los para novos grupos.

Nesta crise atual, parece que a falcatrua é mais profunda, pois envolve tanto bancos de investimentos como grandes bancos estrangeiros, como por exemplo, o Citibank. **(F.S.)**

◆ **A grana do PROER**

Banco	Recebeu
Econômico	6,6 bi
Nacional	5,9 bi
Bamerindus	5,9 bi
Banorte	1,3 bi
Mercantil	0,4 bi
Total	20,1 bi

Fonte: BC

NOSSA OPINIÃO

Chega de impunidade!

Renato Benvenutti

Em menos de cinco anos de governo, FHC transferiu um terço do PIB nacional para os bolsos dos banqueiros (algo em torno de US$ 300 bilhões). Cerca de 43% dos rendimentos dos bancos estrangeiros vêm da dívida interna. Somente na explosão do real em janeiro, o país perdeu R$ 103 bilhões. O déficit público (que é principalmente pagamento de juros e principal das dívidas interna e externa) já chega a 14,01% do PIB. E a dívida pública saltou para R$ 500 bilhões.

Como se isto não bastasse, agora vem a público que só para salvar gangsters como os donos do Marka foram torrados R$ 1,5 bi em questão de horas. Para os banqueiros é tudo, para o povo nada, o tratamento é o oposto: R$ 7 de aumento para o mínimo, zero de reajuste para servidores. Cifras grandes para os trabalhadores, só no número de desempregados.

Basta! Hoje, nada deixa tão claro que é preciso por para fora este governo e o FMI quanto este escândalo na CPI dos Bancos.

Mas esta investigação não pode ficar no âmbito do Senado. Tem, como mínimo, que ir para a Câmara dos Deputados. De outro lado, o deputado petista Aloísio Mercadante tem que expor para todo o país a sua lista, tem que denunciar estes bandidos aos quatro cantos e chamar o povo às ruas para acabar com esta maracutaia. Isto não pode ficar em quatro paredes. Não nos esqueçamos que, por maior que seja a crise, se os trabalhadores não agirem, vai prevalecer a pizzaria, com talvez uma ou duas cabeças cortadas.

É preciso exigir uma devassa no Banco Central e no sistema financeiro!

É preciso exigir investigação, cadeia e confisco dos bens de todos os envolvidos!

É preciso acabar com a remessa de capitais e lucros!

É preciso parar de pagar as dívidas externa e interna para estes agiotas nacionais e internacionais!

É preciso estatizar o sistema financeiro sob controle dos trabalhadores para acabar com a bandalheira!

Ricos e impunes

O economista e consultor de empresas Francisco Lopes é mais um do grupo de técnicos que a partir dos anos 80 conviveram cotidianamente com o poder, aderiram aos ventos do neoliberalismo, associaram-se ou diretamente fundaram bancos de investimentos ou, na pior das hipóteses, trabalharam como consultores.

Lara Resende

Lopes também é da turma dos economistas da PUC do Rio, tal como Edmar Bacha, Persio Arida, Gustavo Franco, Edward Amadeo, André Lara Resende entre outros. Todos estes senhores transitam há mais de uma década entre o Banco Central (ou ministérios) e o mercado financeiro, como quem anda da sala para a cozinha da própria casa. Todos têm ligações estreitas com a banca mundial e os seus organismos – Banco Mundial, FMI, como é o caso de Pedro Malan. Alguns deles são banqueiros como André Lara Resende (Matrix), Persio Arida (Opportunity) e Edmar Bacha (BBA).

Não por acaso, sempre que há escândalos financeiros o nome dos bancos desta turma está sempre nas "listas". Um foco monumental de corrupção e também de impunidade, afinal, estão no centro do poder nestes tempos de governo de e para banqueiros.

Malan

Em tempo. No quesito riqueza, vale lembrar que o atual presidente do BC, o "patriota" Armínio Fraga, parece ser imbatível. Ex(?) executivo de George Soros, Fraga recebeu de Soros prêmios na ordem de US$ 25 milhões em 1997, como participação nos lucros das operações que ele mesmo dirigia na Asia. (F.S.)

Fraga

Maioria da direção do PT recusa o Fora FHC

PT: de novo a solução é "Feliz 2002"?

J. B. Ferreira

Lula com o presidente da Anfavea: estratégia de 2002 com setores burgueses está de pé

Mariúcha Fontana,
da redação

Entre os dias 10 e 12 de abril, a maioria da direção do PT (a *Articulação*) resolveu adotar o "Basta FHC e o FMI" como palavra de ordem. Apressou-se, no entanto, a explicar à imprensa que não estava defendendo o fim do governo.

Na verdade, mesmo o "basta" foi adotado a contragosto, pois a maioria da direção do PT, desde a explosão do Real em janeiro até hoje, tem insistido que não se deve lutar contra o governo FHC, mas sim "contra sua política econômica".

Ao mesmo tempo, Lula e a *Articulação* têm buscado convencer as entidades do movimento a adotarem como centro de suas reivindicações a defesa de uma "política industrial" e a queda dos juros, ou seja, a pauta da Fiesp. De quebra, buscam organizar atos que tragam os empresários para os palanques. Ocorre que esta política já estava insustentável – até setores burgueses e anti-operários de carteirinha, como Brizola e Itamar, parecem mais oposição que o PT.

Mudar para ficar como está

Mas se a palavra de ordem mudou, a estratégia da *Articulação* não mudou e, portanto, infelizmente, essa resolução do diretório nacional do PT parece ser mais um daqueles casos em que se muda alguma coisa para que tudo continue como está.

O problema é que a estratégia da maioria da direção do PT é eleitoral e de conciliação de classes, de conformação de uma aliança com a burguesia, em particular com a burguesia industrial hoje organizada na Fiesp. A maioria da direção do PT tem claramente a estratégia clássica que norteou a social democracia européia: de eleição em eleição vamos ganhando mais postos no parlamento, nos executivos (prefeituras, governos de estado) até chegarmos no governo nacional. A mobilização dos trabalhadores é secundária, o importante é a ação institucional no parlamento, nos governos.

E, para disputar eleições, vai buscando a cada novo pleito ampliar mais as alianças, com mais setores burgueses e abandonando as reivindicações dos trabalhadores para ir assumindo o programa de setores da burguesia: é assim que a plataforma do PT vai se aproximando da "3ª via", um programa que defende migalhas sociais nos limites do neoliberalismo.

Estratégia de derrotas

É essa estratégia permanente que materializa-se hoje na política do PT. Quando o Brasil entra na mais grave e profunda crise de sua história: a direção do PT está inteiramente voltada e preocupada em acumular prefeituras no ano 2000 e disputar (numa Frente Ampla) as eleições de 2002.

Nós afirmamos que essa estratégia só trouxe derrotas até agora. Foi essa estratégia eleitoral que desarmou as lutas de 1989 – pós-greve geral – e levou a se apostar tudo na via de mão única da disputa eleitoral com Collor.

Foi essa mesma estratégia de assegurar o calendário eleitoral que guiou o PT a levantar o "Feliz 1994" e a recusar-se a defender o Fora Collor (o PT só aderiu à derrubada do mesmo depois que o movimento ganhou as ruas). Pelo mesmo motivo, quando Collor foi derrubado, o PT recusou-se a dar continuidade às mobilizações gigantescas que existiam e ajudou a assegurar, em aliança com a classe dominante, e respeitando as "regras" do jogo, a posse de Itamar Franco.

O pesadelo do "Feliz 1994"

O "Feliz 1994" virou um pesadelo, já que Itamar deu continuidade ao projeto neoliberal, implantou o Plano Real e conseguiu eleger FHC. Sob este – tudo pelo "Feliz 1998" – foi a vez de desautorizar as greves em serviços essenciais, quando, por exemplo, os petroleiros realizavam a mais heróica greve dessa década; de buscar freiar os saques e as ocupações de terras, e apostar tudo nas negociações em detrimento da luta.

Agora, estamos no "Feliz 2002". A maioria da direção do PT consegue alicerçar essa estratégia apoiando-se numa base material concreta: foram incorporados aos milhares de cargos do estado burguês (assessores de deputados, secretarias de governo), uma parte significativa de toda uma geração de ativistas que estiveram à frente de greves e de lutas.

Seguiremos fazendo um chamado ao PT para que assuma o Fora FHC e priorize a mobilização. Mas, não temos dúvidas que recairá centralmente nos ombros da esquerda socialista (da qual o **PSTU** é parte) a tarefa de botar na rua a campanha pelo Fora FHC e o FMI e de mobilizar prá valer com uma estratégia classista e anticapitalista.

Uma "mãozinha" para Pinochet

Estela Domínguez,
da redação

Como todos sabem, o mais alto tribunal britânico divulgou no final de março uma decisão ambígua sobre a situação do ex-ditador chileno Augusto Pinochet. Ao mesmo tempo em que negou-lhe a imunidade pela sua condição de ex-chefe de Estado, invalidou qualquer acusação por crimes cometidos antes de 1988, ano em que a Grã Bretanha assinou a Convenção Internacional contra a Tortura. Dos trinta casos que a justiça espanhola tinha apresentado, só três seriam considerados. O juiz britânico responsável pelo caso aproveitou a oportunidade para lembrar que devido à redução substancial de acusações haveria que reconsiderar a continuidade ou não do processo de extradição, o que aliás, a justiça espanhola não o fez.

Dois lados comemoraram

A decisão foi tão ambígua que no Chile os seguidores do ditador celebraram a decisão, assim como os organismos de direitos humanos internacionais.

Pinochet deve permanecer na Inglaterra sob custódia policial enquanto a Espanha busca a sua extradição, num processo que poderá levar meses ou até anos.

A maioria dos delitos cometidos pela ditadura foram anteriores a 1988, mas o juiz espanhol acrescentou, após a decisão do Lordes britânicos, mais 32 casos de abuso aos direitos humanos cometidos no Chile depois de 88.

O Ministro do Interior da Grã Bretanha, Jack Straw, deverá decidir se o processo de extradição continua ou não. Caso Pinochet seja extraditado ele seria julgado na Espanha pelos crimes citados.

Retribuindo favores

A ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher visitou o ditador para lhe oferecer apoio e solidariedade. E agradeceu a ajuda que Pinochet deu à Inglaterra na Guerra das Malvinas (contra a Argentina) em 1982. Na época, o general colaborou com informações e cedeu o território como base de ataque contra a Argentina. Thatcher tem sido uma enérgica defensora de Pinochet e tem reivindicado a sua libertação.

Os advogados de Pinochet vão apelar para que ele não seja extraditado mas ainda não está nada claro qual será o destino deste assassino de trabalhadores e estudantes.

Oposição obtém vitória na eleição do ABC

Sergio Koei

Metalúrgicos da oposição comemoram resultado na apuração

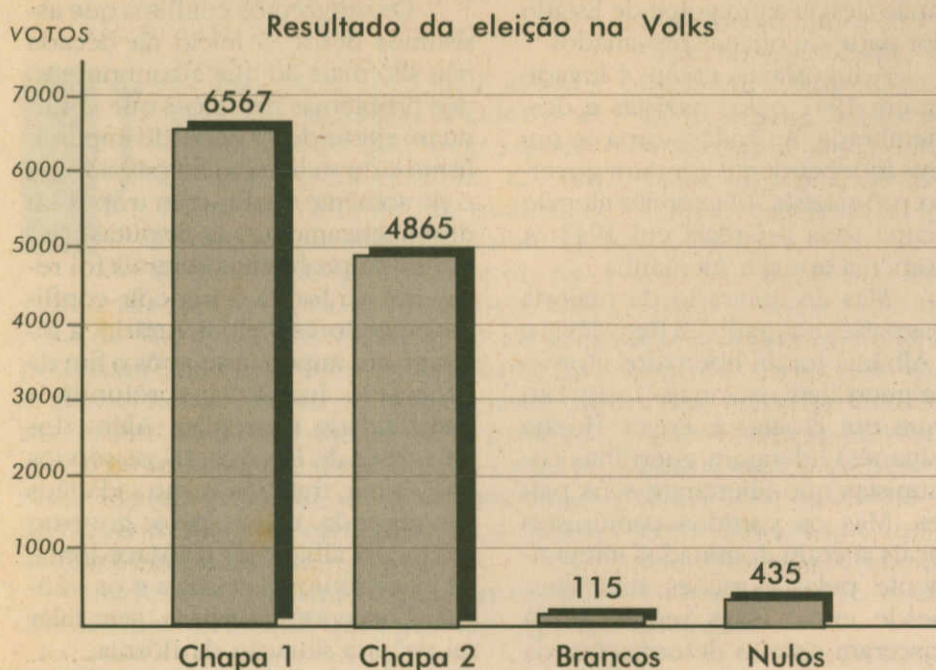
Américo Gomes,
de São Paulo

Nos dias 14 e 15 de Abril o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC viveu uma situação inédita. Pela primeira vez desde sua fundação. chapas de oposição cutistas conseguiram sair vitoriosas de um processo eleitoral. Este resultado começou no dia 14 quando várias chapas de oposição conseguiram resultados expressivos na eleição da Diretoria Plena do Sindicato. Entre eles, o que contagiou a todos, foi a vitória da chapa da oposição na Scania que obteve 52% dos quase 1.600 votos válidos e elegeu 5 diretores em 8, que tinha direito a fábrica.

No entanto o resultado mais vibrante foi o do dia 15, quando a *Chapa 2 Alternativa de Luta* obteve 42% dos votos válidos na Volkswagem (maior fábrica do país em número de trabalhadores) e elegeu 10 dos 23 diretores de base, mostrando assim que existe um polo de resistência à política conciliadora e de parceria levada a cabo pela *Articulação Sindical*, que dirige o sindicato.

A eleição na Volks demorou um dia a mais que nas outras fábricas. Isso por que as listas de votação enviadas pela diretoria do sindicato tinham uma série de problemas, que acabavam impedindo os trabalhadores de votar, principalmente nas áreas em que a *Chapa 2* era ampla maioria.

Isso criou uma indignação muito grande entre os operários, que começaram a protestar. Com a revolta dentro da fábrica, a agitação que se formou na saída do turno e a ameaça da *Chapa 2* de retirar-se do pleito, a direção do sindicato cedeu e a eleição foi estendida para mais um dia. Com isso, votaram mais de 13 mil, o que surpreendeu a todos os coordenadores do processo eleitoral.

Agora, é consolidar o trabalho da Oposição e estende-la para as outras fábricas da categoria, por que descontentamento há e muito. Novamente, como muitas vezes já fizeram neste país, os metalúrgicos do ABC começam a mostrar uma novo caminho a seguir.

ENTREVISTAS

"Um voto contra o sindicalismo de parceria"

Celso Routulo, o Paraná, foi o encabeçador da Chapa 2 na Volks, é membro da comissão de fábrica e tem seis anos de empresa. Martiniano Ribeiro França, o Martin, encabeçador da chapa de oposição na Scania, é coordenador do Sistema Único de Representação (antiga comissão de fábrica) e tem 13 anos de empresa. Aqui, nestas breves entrevistas. eles contam porque as chapas de oposição conseguiram resultados tão expressivos nas suas fábricas.

O.S. – Como você explica o resultado na Volks que pegou o sindicato de surpresa?

Paraná – Acho que são duas coisas. Primeiro, o trabalho de base que nós estamos desenvolvendo há um bom tempo, e um trabalho que questiona os acordos e posturas do sindicato. O segundo fator é o descontentamento dos trabalhadores com os acordos fechados que nos arrancaram direitos e reduziram salários. Eles tentaram sempre vender o peixe de que o acordo era bom, mas quem está no pé da máquina sabe que o acordo não é bom.

O.S. – Mas porque eles não perceberam este descontentamento, até porque há mais de 40 liberados que são pró-sindicato dentro da fábrica?

Renato Benvenutti

Martin

Paraná – Há um problema muito sério na relação do sindicato com a base. A maioria tem medo de falar o que pensa para os membros da comissão de fábrica. Não têm liberdade, pois temem ser perseguidos. Não há confiança dos trabalhadores com o sindicato e seus representantes dentro da fábrica. Pelo contrário, há desconfiança e medo.

Por isso, mesmo com todas dificuldades que tivemos, porque a empresa liberou todos os candidatos deles e os da Chapa 2 não, porque a empresa também não deixou nossos mesários saírem do pé da máquina, o trabalhador conseguiu expressar sua indignação com a política de parceira e confirmou seu voto na Chapa 2.

Sergio Koei

Paraná

O.S. – E como vai ser a atuação daqui para frente como parte da diretoria de base do Sindicato?

Paraná – Claro quer ela vai ser restrita. A maioria vai tentar dificultá-la ao máximo. Nós vamos brigar para que o trabalhador decida o seu rumo, para que os acordos não cheguem já ajeitados na assembléia. Não vamos admitir acordos na calada da noite. Agora, o trabalhador vai ter representante.

O.S. – O que significou este voto que deu maioria para a oposição na Scania?

Martin – Insatisfação dos trabalhadores com os últimos acordos como o do banco de dias. Os metalúrgicos queriam uma chapa para que eles pudessem votar contra esses acordos. Havia também muita insatisfação com o diretor sindical que está na Scania.

O resultado da eleição sinaliza que não dá para fazer sindicalismo de parceira com os patrões. Um parceria entre empresários e trabalhadores nunca pode dar certo porque o lucro fica com o patrão. Trabalhador e patrão não podem ser sócios em uma sociedade. Este é o recado.

O.S. – E agora, quais são na sua opinião as perspectivas?

Martin – Queremos resgatar a credibilidade dos trabalhadores nos seus representantes. Queremos reconstruir o sindicato no chão da fábrica, pois a entidade está desgastada. Precisamos construir novas lideranças, fazer crescer no futuro novos frutos.

Conflitos na Iugoslávia refletem história secular de opressões nacionais

Imperialismo construiu instabilidade nos Bálcãs

Marcelo Barba,
da redação

Chamadas de fanáticas pela imprensa mundial, as diversas nacionalidades que habitam a península balcânica, são consideradas as culpadas pelos massacres e genocídios que, volta e meia, acontecem na região. Mas, esta estreita visão serve somente para que o papel do imperialismo seja esquecido. As fronteiras, na maioria das vezes fictícias, que eram desenhadas em Londres, Paris, Berlim, e (mais recentemente) Washington e Moscou, foram decisivas na história deste caldeirão de culturas.

A península balcânica localiza-se na confluência de dois continentes e, por isso, sempre foi uma região importante em termos políticos e comerciais. Desde a Antiguidade, seu domínio significava o controle das principais rotas de ligação entre a Europa e o Oriente Médio. Foi o berço da chamada cultura ocidental na Grécia e exemplo do fim da razão na época de decadência do capitalismo, como no caso da Bósnia e, agora, de Kosovo.

Formação dos Bálcãs

Os eslavos formam a maioria na região hoje, e o mais aceito é que são oriundos do que hoje seria a Polônia, no século 10 a.C. Por não terem criado Estados unificados, houve uma grande diversificação de seus costumes, religiões e da língua. Os eslavos começam a se estabelecer na região dos Bálcãs no século 6. A partir daí, expulsam os habitantes autóctones para as regiões montanhosas. É neste momento que começam a surgir os primeiros reinos como o da Sérvia e o da Bulgária.

Mas estes frágeis reinos não são capazes de impedir o avanço do Império Otomano, que invade a região no século 14 e dominam a maior parte da península até o início do século 20. O início da retomada de territórios só acontece no século 17, com a libertação da Hungria. Mas no período que antecede a 1ª Guerra Mundial (1914-18) uma grande parte dos Bálcãs ainda permanecia sob domínio otomano.

Expulsão otomana

Ao mesmo tempo em que lutavam para expulsar os otomanos, os diversos governos locais (na sua grande maioria meros fantoches nas mãos imperialistas) tinham o objetivo de dominar a maior quantidade possível de território. A chamada Primeira Guerra Balcânica (1912-13), que expulsou os otomanos, resultou numa divisão entre as fronteiras que não refletia as nacionalidades, mas sim os interesses imperialistas e dos governos locais.

Muitos territórios foram perdidos ou ganhos pela relação dos governos locais com as grandes potências capitalistas. A Bulgária e a Turquia que se aliaram com Alemanha e Áustria-Hungria na 1ª Guerra Mundial, por exemplo, perderam uma grande parte das suas terras como "castigo". Por outro lado, numa tentativa de pacificar a região e como "prêmio" pelo apoio aos aliados, foi criado o reino dos sérvios, croatas e eslovenos que passou a se chamar Iugoslávia (que significa eslavos do sul) em 1929.

Karim Ben Kalifa

Da 1ª Guerra Mundial ao drama dos refugiados do Kosovo: problemas nacionais não resolvidos

Ocupação nazista e libertação

Já em 1939, Mussolini animado com a imobilidade dos aliados frente aos avanços nazistas (que haviam tomado a Tchecoslováquia no mesmo ano), invade e conquista a Albânia.

Vários países da região proclamaram-se neutros no início da 2ª Guerra Mundial. Em 1941, a simpatia do governo iugoslavo pelas potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) levou a um golpe de Estado por parte de oficiais pró-aliados.

A Iugoslávia, então, é invadida em 1941 pelos nazistas e desmembrada. A Croácia torna-se um país independente com um governo pró-nazista. O exército alemão ocupa toda a Grécia em 1941. A Romênia apoia a Alemanha.

Mas ao contrário da maioria dos países ocupados, a Iugoslávia e a Albânia foram libertados através de guerrilhas nacionais. Josip Tito (que era croata) e Enver Hoxha (albanês) lideraram guerrilhas comunistas que libertaram seus países. Mas os partidos comunistas locais já eram dominados integralmente pelas posições stalinistas. Desde então estas repúblicas já nasceram com as deformações da própria União Soviética, ou seja, bastante burocráticas, apesar da ruptura posterior de Tito com Stalin.

Opressão mantida

As diferenças e os problemas nacionais existentes na Iugoslávia não terminam com a unidade do pós-guerra, pelo contrário. Apesar de Tito ser croata, o domínio majoritário dos sérvios dentro da Federação levou a constantes e, muitas vezes, violentos choques entre as diversas nacionalidades.

Os sangrentos conflitos que assistimos desde o início da década não são mais do que a continuação dos problemas históricos que continuam existindo. O papel do imperialismo e do stalinismo no passado foi o de somente abafar com tropas ou diplomaticamente, as disputas. Nenhum do problemas centrais foi resolvido de forma a impedir conflitos posteriores. Pelo contrário, a intervenção imperialista após o fim da Federação Iugoslava aprofunda a instabilidade na região. Além dos albaneses de Kosovo, há os sérvios da Krajina, tratados como cidadãos de segunda classe pelo governo croata; os albaneses na Macedônia, os macedônios na Grécia e os húngaros no norte da Sérvia, sem falar na própria situação da Bósnia.

Kosovo: disputa histórica

A região foi o berço da Sérvia até 1389 quando eles foram expulsos pelos otomanos. A partir daí Kosovo foi ocupado pelos albaneses que, por converterem-se ao islamismo, eram vistos como inimigos pelas outras nacionalidades balcânicas.

Kosovo nunca conquistou o status de república dentro da Federação iugoslava. Somente em 1974, Tito concedeu a autonomia à região numa tentativa de enfraquecer o nacionalismo albanês. Mas, com a morte de Tito, em 1980, a situação dos kosovares voltou a piorar. No final da década passada, com Milosevic já como principal dirigente da Sérvia, a autonomia é retirada e Kosovo é incorporado como província sérvia.

O parlamento foi dissolvido ainda durante a existência da Federação. Os albaneses, então, proclamaram a República de Kosovo que não foi reconhecida pela Sérvia nem por nenhuma das outras repúblicas iugoslavas.

Em maio de 1992, o escritor Ibrahim Rugova, líder da Liga Democrática de Kosovo, é eleito presidente numa votação semiclandestina. Frente à intolerância política e cultural da Sérvia e à impotência de Rugova em impedir a reintegração, uma ruptura da Liga forma o Exército de Libertação do Kosovo (ELK).

Bombardeio "humanitário" agora elimina civis dos dois lados

OTAN mata sérvios e albaneses

Marcelo Barba,
da redação

No 22º dia de bombardeios sobre a Iugoslávia, as desculpas humanitárias inventadas pela OTAN para justificar sua agressão, caíram por terra. Literalmente, já que um bombardeio sobre uma coluna de refugiados kosovares perto da fronteira com a Albânia deixou mais de 70 mortos e diversos feridos. A ação do imperialismo foi justificada por Jaime Shea, porta-voz da OTAN, que afirmou: "*acidentes acontecem*".

Erros que estão se tornando mais comuns. No início da segunda semana de abril, ao atacar uma ponte na Iugoslávia, os mísseis norte-americanos acertaram um trem que, "casualmente", passava por ali. Resultado, nove civis mortos. Uma área residencial foi bombardeada na cidade de Aleksinac com vinte moradores mortos.

A continuidade dos bombardeios só irá levar a mais mortos e mais destruição. Os países da OTAN cometeram um tremendo erro de cálculo: acharam que somente os bombardeios conseguiriam acabar com a resistência sérvia e permitir a imposição dos acordos de paz de Rambouillet que dão uma autonomia relativa à região de Kosovo. Mas a ação da OTAN nem enfraqueceu Milosevic, nem impediu a limpeza étnica dos kosovares. Muito pelo contrário.

Ação da OTAN está colocando imperialismo em beco sem saída

A situação do imperialismo é tremendamente complicada. Além de não conseguir dobrar Milosevic, eles ainda têm que dar alguma solução ao problema dos refugiados, que chegam aos milhares nas fronteiras da Macedônia e Albânia todos os dias. Na Macedônia, esta situação já começa a criar conflitos. O governo do país não quer que o ELK recrute guerrilheiros entre os refugiados para não se envolver no conflito.

Enquanto os Estados Unidos gastam US$ 40 milhões diariamente para assassinar sérvios e kosovares, a limpeza étnica continua. Conflitos na fronteira da Albânia, demonstram que as tropas sérvias já dominam quase que completamente o Kosovo. Da população original de 1,8 milhão (sendo que aproximadamente 1,6 milhão eram de etnia albanesa) os refugiados já chegam a 1 milhão de kosovares albaneses, sendo praticamente impossível saber quantos foram mortos ou estão em campos de concentração.

Seguindo os métodos usados na guerra da Bósnia, voltam os relatos de estupros em massa, fuzilamentos, etc. Milosevic quer mudar a conformação étnica de Kosovo e torná-la uma província com maioria sérvia e, com a ajuda dos bombardeios da OTAN, tem conseguido seu objetivo e conta, inclusive, com a ajuda de alguns grupos fascistas que atuaram na guerra da Bósnia, que recrutam pessoas nas prisões sérvias.

Reuters

Kosovares mortos após bombardeio da OTAN

O temor da invasão por terra

O governo russo denunciou que existem planos concretos para uma invasão por terra da OTAN, na tentativa de tomar Kosovo. Este é mais um sinal de que, na verdade, o plano inicial da OTAN já foi derrotado. Não é à toa que Milosevic dá mostras de querer negociar tendo, inclusive, declarado um cessar-fogo unilateral durante a Páscoa ortodoxa. A posição do governo sérvio é a de negociar com o fato consumado, ou seja, com a expulsão e o assassinato da maioria dos albaneses.

A OTAN não aceitou e nem tem como aceitar uma solução nestes termos. Afinal, o que fazer com os milhares de refugiados? Por outro lado, uma invasão terrestre é um tiro no escuro devido aos problemas a serem enfrentados.

O envio de tropas da OTAN nos Bálcãs levaria a um aprofundamento do conflito. Seria improvável que o conflito não atingisse outros países da região como Bósnia, Croácia, Macedônia e Albânia, com consequências imprevisíveis. A ruptura de relações entre Sérvia e Albânia já mostra isso. China e Rússia, hoje, estão muito mais preocupados com os seus acordos econômicos e comerciais com os Estados Unidos, do que com a sorte dos kosovares e sérvios, tanto que sua participação no conflito limitou-se a declarações de discordância sobre as ações da OTAN.

Mas, um conflito por terra poderia modificar esta situação rapidamente. Por fim, outros países como a Ucrânia, que apóia a Sérvia de forma mais contundente e que possui armas nucleares do espólio da antiga União Soviética, também poderiam ser arrastadas, direta ou indiretamente, ao conflito.

Em qualquer das possibilidades, os problemas que o imperialismo irá enfrentar são tremendos. Não é de estranhar que uma guerra por terra tem sido evitada a todo custo até agoras. Não há nenhuma solução de bom termo para os povos da região enquanto a OTAN não sair dos bálcãs. (M.B.)

Dirigentes abrem mão da independência

Os kosovares, em luta pela independência do país desde o início dos anos 80, foram traídos por todos os lados nas últimas semanas. O presidente não-oficial kosovar, Ibrahim Rugova, apareceu na televisão junto com o carniceiro de albaneses, Milosevic. Do outro lado, os líderes do ELK, além de aceitarem as exigências do imperialismo de renúncia à luta por independência, aceitando uma "autonomia", ainda apóiam os bombardeios "humanitários" da OTAN, apesar de ficar claro na última semana que estes bombardeios significam também morte e destruição para os próprios albaneses.

A direção do ELK, ao assinar o acordo de Paz de Rambouillet, capitula tanto ao imperialismo como a Milosevic. Abre mão da independência e aceita a ocupação de Kosovo pelas tropas da OTAN, o que transformaria o país em mais um "protetorado" imperialista como já é a Macedônia.

A política do ELK, caso seja vitoriosa, levará a uma derrota da luta pela autodeterminação porque simplesmente troca um regime de dominação por outro. Nenhum governo bancado pelo imperialismo poderá acabar com o drama e resolver os problemas dos kosovares. A direção do ELK, para continuar sendo a autêntica representante da luta do seu povo, precisaria romper suas relações e acordos com o comando da OTAN. **(M.B.)**

CAMPANHA

É hora de se filiar!

No início de abril houve uma greve da construção civil em Fortaleza. A vanguarda do movimento reuniu-se para fazer um balanço final da mobilização e 13 companheiros se filiaram ao PSTU. Eles entenderam que deveriam se filiar ao partido que lhes deu apoio em sua luta.

O exemplo destes ativistas deve ser seguido. A proposta de filiação ao PSTU deve ser levada a todos aqueles que junto conosco estão nas greves, lutas estudantis e populares, ou construindo chapas combativas nas eleições sindicais.

Neste momento, o PSTU em todo o país está encaminhando a campanha Fora FHC e o FMI. Nós precisamos da sua ajuda para construir esta campanha em sua categoria, na sua universidade, na sua cidade. E, junto com isso, queremos sua filiação ao nosso partido.

Força na campanha

Mas a campanha de filiação está começando com força e garra. Joaquim Magalhães, candidato a governador pelo PSTU nas últimas eleições em Pernambuco, tem como proposta filiar pessoalmente 42 novos companheiros para o partido. No Banco do Brasil do Rio de Janeiro, que tem uma forte tradição de atuação partidária, a campanha já conta com dez filiações.

Renato Benvenutti

Mensalmente, os filiados serão convidados a participar de reuniões onde poderão debater os temas mais importantes da atualidade. Em Belém, assim como em muitas cidades, está marcada uma palestra sobre a situação da ex-Iugoslávia. Já estão sendo programadas também palestras sobre os mais diversos temas como a libertação da mulher, globalização da economia, situação política nacional. Além disso, os filiados receberão o Opinião Socialista em casa, pelo correio.

Em São José, as primeiras filiações trouxeram uma contribuição financeira média de R$ 20 por companheiro. Isto porque os filiados também fazem uma contribuição financeira para o partido, de acordo com suas possibilidades. O nosso partido não recebe dinheiro dos patrões. O PSTU é mantido com as contribuições de trabalhadores como você.

Portanto, estamos convidando você leitor, que ainda não se filiou ao nosso partido, para não ficar fora dessa. O PSTU precisa de você.

FICHA DE FILIAÇÃO

Nome ....

R.G. .... CPF ....

End.: ....

CEP .... Cidade .... UF ....

Tel.: .... Profissão ....

Nasc ...../...../..... Sexo .... Filiado em ...../...../.....

Tít. eleitoral nº .... Zona .... Seção ....

Valor da contribuição (R$) .... Dia escolhido ....

Forma de pagto.: ☐ Boleto bancário ☐ Outros: ....

Assinatura do filiado — Responsável pelo partido

Aqui você encontra o PSTU

Sede nacional: R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - tel (011) 575-6093

Alagoinhas (BA): R. Anézio Cardoso - Ed Azi sala 105

Aracajú (SE): R. Acre, 2309 - bairro Siqueira Campos - CEP 49075-020

Belém (PA): Serzedeio Corrêa, 82 - Batista Campos

Belo Horizonte (MG): R. Carijós, 121, sala 201 - tel (031) 213-3316
Av. Afonso Vaz de Melo, 249 - Barreiro - E-mail: pstumg@net.em.com. br

Brasília (DF): SCLRN 706 - Bloco C - Loja 46 - Asa Norte - CEP 70740-513

Diadema (SP): Praça dos Cristais, 6 sala 3 - Centro

Florianópolis (SC): Av. Hercílio Luz, 820 - Centro

Fortaleza (CE): Av. da Universidade 2333 - Centro - tel (085) 221-3972

Goiânia (GO): (062) 225-6291

Macapá (AP): Av. Presidente Vargas, 2652 - Bairro Sta. Rita

Maceió (AL): R. Minas Gerais,197/2 - Poço

Manaus (AM): R. Emílio Moreira, 821- Altos Centro - tel (092) 234-7093

Natal (RN): Av. Rio Branco, 815 - Centro

Nova Iguaçu (RJ): R. Cel. Carlos de Matos, 45 - Centro

Ouro Preto (MG): R. São José, 121 Ed. Andalécio - sala 304 - Centro

Passo Fundo (RS): R. Tiradentes,25 - Centro - CEP 99010-260

Porto Alegre (RS): R. Salgado Filho, 122 - Cjto. 51 - Centro

Recife (PE): R. Leão Coroado, 20 - 1º andar - B. da Boa Vista - tel (081) 222-2549

Ribeirão Preto (SP): tel (016) 637-7242

Rio de Janeiro (RJ): Travessa Dr. Araújo, 45 - Pça da Bandeira - tel (021) 293-9689

São Bernardo do Campo (SP): R. Marechal Deodoro, 2261

São José dos Campos (SP): R. Mario Galvão, 189 - Centro - tel (012) 341-2845

São Leopoldo (RS): R. São Caetano, 53

São Luis (MA): tel (098) 246-3071

São Paulo (SP): R. Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso - tel (011) 572-5416

Terezina (PI): R. Olavo Bilac, 1709 - Centro-sul - tel (086) 221-0441

Nosso E-Mail é:
pstu@uol.com.br